



“A Amazônia que eu vi”: Gastão Cruls e a produção etnográfica das sociedades indígenas dos limites do Brasil

“A Amazônia que eu vi”: Gastão Cruls and the ethnographic production of indigenous societies on the boundaries of Brazil

CORDEIRO, Matheus Villani¹

Resumo: Em 1928, o médico brasileiro Gastão Cruls participou de uma expedição pela Selva Amazônica. Resultado do contato com o interior do Brasil, surgiu a obra *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque* (1930). Sua experiência possibilitou a produção de um relato etnográfico, no qual a construção desse acervo etnográfico obteve perspectiva no campo da ciência sendo aclamado por sua erudição. Por meio da metodologia do “contextualismo linguístico”, entendemos que a produção de uma obra é um ato político expresso pelo sujeito através da ação linguística atrelada ao seu contexto de produção. Pretendemos compreender o diálogo com a literatura acerca do espaço amazônico, as influências que propiciaram a produção etnográfica, seu contato com os indígenas e por fim sua contribuição no campo da etnografia, destacando a relação das expedições científicas na produção de intelectuais sobre regiões afastadas dos grandes núcleos do território nacional, contribuindo na construção de diversas

¹ Graduando em História na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), bolsista no Programa de Educação Tutorial de História e vinculado ao Laboratório de História das Ciências e História Intelectual (LHCHI). Este artigo é resultado de pesquisa realizada sob a orientação do Prof. Dr. Vanderlei Sebastião de Souza. E-mail: matheusvillani07@gmail.com

interpretações sobre os limites do Brasil.

Palavras-Chave: Gastão Cruls, Expedição Científica, Etnografia Indígena, Amazônia.

Abstract: In 1928, the Brazilian physician Gastão Cruls participated in an expedition through the Amazon Jungle, resulted of the contact with the countryside of Brazil, came up the work *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque* (1930). This experience made the production of an ethnographic report possible. The construction of this ethnographic collection obtained perspective in the field of science, being acclaimed for its erudition. Through the methodology of “linguistic contextualism”, we understand that the production of a work is a political act expressed by the individual through the linguistic action linked to its context of production. We aim to understand the dialogue with the literature on the Amazonian space, the influences that led to the ethnographic production, its contact with the Indians and, finally, its contribution in the field of ethnography, highlighting the relation of scientific expeditions in the production of intellectuals on regions far from the great nuclei of the national territory, contributing in the construction of diverse interpretations over the limits of Brazil.

Keywords: Gastão Cruls, Indigenous Ethnography, Scientific Expeditions, Amazon.

Tornando aos nossos Pianocotós, acredito que se entre eles ainda viemos encontrar alguns padrões nítidos do que foi a bela raça americana, deve-se isso tão-só à situação de relativo isolamento em que até hoje se mantém a mesma tribo, habitando região nada acessível, e apenas perlustradas de raro em raro por um ou outro expedicionário (Gastão Cruls, 1973 [1930], p. 88).

A construção de uma Amazônia literária

O interesse pelo cenário amazônico desenvolveu-se em diversas obras nacionais e estrangeiras. De certa forma, esse espaço, assim como outras regiões do interior do Brasil, serviu como matéria prima e pano de fundo para diversas obras produzidas por cronistas desde o século XV (TUPIASSU, 2005). Assim como os cronistas que percorreram o interior brasileiro, Cruls, a exemplo de seus contemporâneos, expressou interesse pelo espaço amazônico abordando-o em diversas obras. Destaca-se, dentre seus escritos, seu relato de viagem *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*, publicado cinco vezes (1938, 1945, 1945, 1973), sendo a primeira edição publicada em 1930, pela Livraria José Olympio Editora. Nessa obra, o autor buscou, além de narrar a paisagem e suas experiências, construir um discurso etnográfico acerca dos povos indígenas e sertanejos que habitavam a região.

Para entender uma obra, através de uma compreensão histórica, é necessário reconstituir a intenção do autor ao produzi-la em sua própria época. O autor, como agente histórico, constrói através da linguagem textual uma ação social, constituindo assim, um ato político. A obra, portanto, é parte da expressão de um conjunto de ideias em relação ao contexto linguístico específico do período de sua produção. Desta forma, faz parte do trabalho historiográfico reconstruir os sentidos da intenção do autor no passado, para compreendê-los de forma paralela a seu contexto histórico (SKINNER, 1996). Sendo assim, é importante destacar o contexto, contribuições e produções

do médico como intelectual, para que possamos, ao analisar as produções do autor durante a década de 1920, identificar as principais influências na construção da obra. Analisamos também o sentido da expedição da qual Gastão Cruls participou, em diálogo com a historiografia que trata das viagens ao interior do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Entendemos que o “sertão”, nesse contexto, surgiu como crescente campo de estudo científico visado pelos intelectuais nacionais. Esse interesse pelo sertão poderia ser mais claramente observado através das expedições científicas que acompanharam a Comissão Rondon e as que foram empreendidas pelos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (LIMA, 1999, p. 67).

Gastão Cruls, médico, escritor e influente intelectual brasileiro, dedicou parte considerável de sua trajetória ao romance e aos contos literários, bem como à crítica literária e à atividade editorial, por meio das quais obteve grande renome. Cruls nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1888, filho do cientista belga Luís Cruls.² Ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1905, concluindo o curso em 1910. Durante o período em que esteve na faculdade, Cruls frequentou diversas áreas de extensão, dentre as quais se destacam sua participação como interno em duas salas de enfermagem. Ainda enquanto estudante, entrou para Assistência Pública e atuou como subcomissário e comissário médico até 1921.

Em 1928, o médico brasileiro Gastão Cruls realizou, através da Comissão Rondon, uma expedição pela selva Amazônica, transcorrendo do Rio Trombetas ao Rio Cuminá,³ localizados na região norte do território brasileiro, traçando assim a rota de Óbidos a Tumucumaque.⁴ A participação de Cruls, ao que tudo indica, ocorreu tão somente para conhecer o espaço do qual já havia se ocupado em termos literários e que, de certa forma, já havia descrito e formado em seu imaginário; afinal, em *Amazônia Misteriosa*, publicada no ano de 1925, o autor construiu a narrativa sem que tenha conhecido – fisicamente – o extremo-norte do país, característica que singulariza essa produção frente às demais do autor. Trata-se, portanto, de uma obra de gabinete, redigida da reunião de ampla bibliografia, a qual possibilitou ao autor – sem nunca ter explorado o ambiente – retratar a fauna e flora da região que empresta o nome ao título da obra (LIMA; COSTA JUNIOR, 2011, p. 3). Deste modo, a obra além de criar um ambiente extremamente detalhista, acaba utilizando diversos termos linguísticos regionais, levando o leitor, em cada parágrafo, a recorrer ao elucidário.

Anote-se que representações literárias acerca de um espaço inexplorado eram expediente encontrado em outros autores, como Júlio Verne⁵ que, em 1881, publicou a primeira edição de *A Jangada*, na qual a história era ambientada na Amazônia brasileira. Francisco Foot Hardman define que entre o final do século XIX e início do século XX, surgiram várias narrativas ficcionais sobre a Amazônia. Para a construção dessa literatura ficcional os escritores partiam de documentos escritos no período colonial:

² Louis Ferdinand Cruls (1848 – 1908) foi um astrônomo e geodesta belga que trabalhou no Brasil de 1875 até o ano de sua morte.

³ Pode-se encontrar a denominação “Erepecuru” referindo-se ao mesmo rio, com nascente no Pará e foz no rio Trombetas.

⁴ A cordilheira de Tumucumaque entronca-se ao grande Sistema Parima ou Sistema Guianense e as suas vertentes separam águas que vão de um lado ao Amazonas e de outro ao Atlântico Norte. Fronteira setentrional do Estado do Pará, com uma direção leste-oeste, ela nos separa da Guiana Holandesa e parte da Guiana Francesa (CRULS, 1973, p. 110).

⁵ Jules Gabriel Verne (1828 – 1905) foi um famoso escritor francês, considerado um dos fundadores da ficção científica, sua obra é a mais traduzida em toda história, em mais de 140 línguas.

[...] é certo que a literatura de cronistas e viajantes desde o século XVI, ao erigir o “real-maravilhoso” como matéria-prima temática de suas construções sobre a Amazônia, constituiu acervo considerável de elementos passíveis de serem apropriados e retraduzidos, já no século XIX, por toda a literatura ficcional, do romantismo aos vários modernismos, a partir pelo menos de 1870. (HARDMAN, 2009, p. 26).

Compreende-se assim que os escritores desse gênero encontraram suas bases nos relatos dos cronistas que exploraram espaços inóspitos; esses relatos despertavam o interesse de autores distintos e serviam para fundamentar uma imaginação sobre regiões distantes, afinal, muitos jamais entraram em contato com o ambiente que descreveram em suas obras, atribuindo um realismo naturalista que predominou na literatura, em especial sobre a Amazônia (HARDMAN, 2009).

A Amazônia na passagem do século XIX para o XX tornou-se palco de produção de obras de uma série de gêneros literários, desde ficção científica à literatura fantástica; essas produções contribuíram na perspectiva de retratar a Amazônia como uma vastidão de florestas recônditas e imensidade de águas. Em *A Amazônia Misteriosa* (1973), o personagem protagonista denominado somente como *doutor* descreve a floresta em certo momento:

Mas, para tanto, seria preciso dominar a floresta sobranceando o monstro de grenha verde que nos retinha entre suas malhas. E, assim mesmo, na bacia infundável da Amazônia, onde os horizontes são ilimitados e quase sempre se batem numa linha unida (CRULS, 1973, p. 18).

Neste trecho podemos destacar três características que marcaram as produções literárias do período que utilizaram a Amazônia como ambientação. Primeiro, notamos a perspectiva do homem como o estranho, em constante batalha com a natureza, que ao se deparar com a brutalidade de seu oponente lhe trata como um “monstro”; a segunda característica é a infinidade, atribuída à imensidão de selva e águas e, por fim, a intenção de promover a visão do eterno desconhecido corroborava para a finalidade do mistério exótico.

A Amazônia, em âmbito literário, tornou-se uma infinidade desconhecida, um eterno mistério. Como nos demonstra Hardman, grandes obras produzidas durante o período do fim do século XIX até a segunda metade do século XX marcavam com seus títulos o mistério exótico, tal como, *Inferno Verde* (1907), de Alberto Rangel, obra que reuniu contos amazônicos nos quais se focaliza o conflito e a relação do homem com a natureza, sua adaptação e a brutalidade. Outro exemplo, *A margem da história* (1909), de Euclides da Cunha, foi interpretado por Hardman:

Euclides nos põe diante dessa contradição entre o terror que a desmesura da massa hídrica provocaria no viajante – a partir do relato de Wallace – fonte de inspiração lírica para a emergência do sublime, e a monotonia interminável da planície amazônica, de sua massa vegetal compacta e imóvel, vista assim em largos traços. (HARDMAN, 2009, p. 38-39).

Quando Euclides escreve: “depois de uma única enchente se desmancham os

trabalhos de um hidrógrafo” (DA CUNHA, 2015, p. 05), fica claro que, na sua visão, a intenção de compreender a totalidade e a imensidão do espaço amazônico é uma construção impossível. A monotonia do ambiente é caracterizada, por Euclides da Cunha, em seu conjunto e há a impossibilidade de uma compreensão total, tornando todo trabalho um conhecimento fragmentário. Afinal, a formulação de determinados dados torna-se um trabalho árduo e de curta temporalidade. Grande parte da preocupação de Euclides da Cunha como precursor de ideias relacionadas diretamente ao progresso se constituiu acerca da dificuldade de integrar os territórios desconhecidos aos almejos da nação, formando assim fronteiras internas por resultado de um abandono do estado ameaçando diretamente a nacionalidade (OLIVEIRA, 1998).

Ao mesmo tempo em que o problema do desconhecimento dos nacionais sobre os limites geográficos do Brasil preocupava Euclides da Cunha, outros autores, como Cruls, ambientavam suas obras utilizando como palco uma Amazônia que jamais haviam percorrido. Tal fato também foi notado por Euclides da Cunha que, preocupado com a constante utilização de bibliografia para interpretações do espaço nacional, temia o acúmulo de reflexões fragmentárias que, ao fim e ao cabo, impediriam uma compreensão total do país. Como destaca Hardman, “Euclides mais uma vez enfatiza o caráter fragmentário de todo conhecimento produzido sobre a Amazônia.” (HARDMAN, 2009, p. 39).

A imensidão da natureza e a produção fragmentada acerca do espaço amazônico formaram, em uma perspectiva das produções literárias do período, uma expectativa de horizonte inalcançável. Essa imensidão inexplicável trouxe a impossibilidade de uma produção total, que a maioria dos viajantes que entraram em contato com a Amazônia almejavam destacar. A incapacidade da conclusão desse objetivo resultava na visão de alguns autores como de Euclides da Cunha em uma ‘terra sem história’ – o que, de outro lado, estimulou a imaginação de literatos sobre essa região. Várias dessas características aparecem na obra *Amazônia Misteriosa*, na qual o protagonista *doutor*, em certa passagem, reproduz a seguinte frase: “Seria que me atraísse a miragem do desconhecido, nesta Amazônia fantástica e misteriosa em que cada imaginação prefigura o Eldorado e todo individuo se julga um novo Juan Martínez a caminho de Manoa?” (CRULS, 1973, p. 30). No mais, o próprio título da obra – *Amazônia Misteriosa* – acabou promovendo e corroborando com produções literárias ambientadas no espaço amazônico.

O Contexto das expedições ao interior do Brasil

Parte da experiência prática científica de Cruls se expressou através dos títulos de suas obras. Se em 1925 o autor publicou *Amazônia Misteriosa*, em 1930, *A Amazônia que eu vi* deixa claro seu contato direto com a selva amazônica. Os próprios títulos, “*Misteriosa*” e “*eu vi*”, constituem a compreensão de uma perspectiva do autor sobre o espaço utilizado na construção de ambas as obras, destacando as diferentes posições que o intelectual ocupava no contexto de produção indicando seu contato com o campo.

Diversas expedições foram realizadas ao interior do Brasil; muitos estrangeiros se aventuraram por terras inóspitas, porém, nenhuma das expedições e indivíduos que as dirigiram contribuiu mais no aspecto de expansão do campo científico nacional que as realizadas pelo brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon.⁶ A marcha empreendida

⁶ Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), Marechal do exército (1953) responsável por empreender

entre 1906 e 1915 revelou para a nação um imenso território até então desconhecido e, que pela ação conjunta de geólogos, naturalistas, antropólogos, botânicos, entre outros intelectuais, passavam a compor o conhecimento científico sobre o Brasil (COUTINHO, 1969). Destaque-se que as primeiras iniciativas da Comissão, que tomava contato com a região amazônica, atribuíam a esse espaço uma característica de total abandono, razão pela qual se justificava levar o Estado até o sertão:

Sob a ingerência do Ministério da Guerra, do Ministério da Viação e do Ministério da Agricultura e composta, basicamente, por militares do batalhão de engenharia e construção do exército, a Comissão de Linhas Telegráficas foi criada tanto para construir e conservar postes e estações telegráficas quanto para efetuar a inspeção das fronteiras brasileiras. Mas, nas diferentes viagens e expedições, a pesquisa científica dos recursos naturais foi também atividade prioritária e sistemática. (SÁ, SÁ, LIMA, 2008, n.p).

A historiadora Nísia Trindade Lima destaca que, durante os primeiros anos da República, houve um expressivo movimento de valorização do sertão, “seja enquanto espaço a ser incorporado ao esforço civilizatório das elites políticas do país seja como referência da autenticidade nacional”. Esse interesse pelo sertão poderia ser mais claramente observado através das expedições científicas que acompanharam a Comissão Rondon e as que foram empreendidas pelos cientistas do Instituto Oswaldo Cruz (LIMA, 1999, p. 67).

No final da década de 1920, Rondon percorreu o Brasil desde a fronteira com o Suriname até Santa Catarina (NOMURA, 2010). Os registros etnográficos realizados por membros da Comissão e do próprio Marechal contribuem até hoje com estudos acerca dos povos que habitavam naquele momento o interior do Brasil. A intenção de prestar assistência a esses grupos levou Rondon a pressionar e influenciar na criação de um órgão que promovesse, em um primeiro momento, a integração a partir de preceitos republicanos. A concepção de transitoriedade se estabelecia através da política indigenista com o objetivo de transformar o indígena em civilizado. Caracterizado pela influência positivista, em 1910 é criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPILTN) (FREIRE, 2009). Além de promover a integração e proteção das populações indígenas, o projeto também objetivava criar com a mão de obra dos sertanejos, que há tempos desenvolviam atividades nos sertões brasileiros, uma espécie de colônias agrícolas. Dessa forma, o projeto entrelaçou as pretensões do governo republicano em promover o progresso através da integração nacional (SOUZA, 2017).

Em 1927, Rondon foi encarregado pelo ministro da guerra, General Nestor Passos, de inspecionar mais de 10 mil quilômetros de fronteiras, tarefa que iria realizar até 1930, quando a Revolução de Vargas depôs o até então Presidente da República Washington Luís (COUTINHO, 1969). No ano de início das expedições, Rondon convocou veteranos do projeto de 1906 e esses antigos participantes das Comissões de Linhas Telegráficas formaram três grupos com o objetivo de cobrir a fronteira do estado do Pará com a Guiana Holandesa, atual Suriname. Assim, Rondon partiu de Óbidos, em agosto, percorreu durante cinco meses o Rio Trombetas e Cuminá com o objetivo de, através da Cordilheira do Tumucumaque, alcançar a fronteira do país, até então inacessível pelo

diversas expedições ao interior do Brasil.

lado brasileiro (FREIRE, 2009).

Em uma rápida análise de Freire sobre a expedição, surgem algumas dificuldades enfrentadas pelo grupo de Rondon: “A turma de Rondon teve que enfrentar inúmeras corredeiras e cachoeiras, além do forte impaludismo que atingia o baixo Trombetas.” (FREIRE, 2009, p. 86). O impaludismo⁷ é retratado por Cruls como característica da região, afinal, antes mesmo de iniciar de fato a expedição, o médico já destacou a fatalidade que atingia os aventureiros que por lá ousavam passar:

O Trombetas e afluentes gozam de muito má fama com relação ao seu impaludismo. São mesmo citadas, intimidando os visitantes, as célebres febres do “enrola” e do “encolhe”, em que os doentes, quando atacados pelo mal, tiritam sem descanso e jogam-se ao fundo das redes, às vezes para não mais se levantarem. (CRULS, 1973, p. 35).

A apreensão de Cruls acerca desse aspecto se fundamentava na preocupação nacional por parte do movimento médico-higienista da primeira metade do século XX, que compreendia a malária (impaludismo) como um dos principais problemas de saúde da nação (HOCHMAN, 2002). Essa preocupação expressou-se na expedição de Euclides da Cunha ao Alto Purus e, posteriormente, com Carlos Chagas que, anos depois, desenvolveu estudos sobre a doença, “[...] buscando na medicina a saída para a construção de uma civilização nos trópicos entre o paraíso e o inferno” (LIMA; BOTELHO, 2013, p. 747). A malária já havia se tornado um problema de saúde, e também científico, em meados do século XIX. Com a expansão econômica levada ao interior do Brasil, o combate à malária pela medicina tropical cresceu proporcionalmente atrelada a esse desenvolvimento econômico. Projetos como a extração em massa que ficou conhecida como o Primeiro Ciclo da Borracha, que atingiu seu ápice de produção entre 1879 e 1912, além da construção de linhas férreas, como a estrada de ferro Madeira-Mamoré, que trouxe consigo os desafios do combate à malária e outras doenças tropicais, levando a companhia Madeira Mamoré Railway a contratar, no ano de 1910, o médico brasileiro Oswaldo Cruz que analisou as causas da grande efervescência de doenças na região.

De acordo com Oswaldo Cruz, o baixo Madeira era um rio salubre, mas seus afluentes não. Além da importuna fauna insetívora, de animais e plantas venenosas, hábitos humanos concorriam para a gravidade das doenças: a péssima alimentação dos seringueiros e as condições sanitárias de Santo Antônio, sem sistema de esgotos e coleta de lixo, com buracos pelas ruas a formar coleções de água que levavam à infecção pela malária de toda a população do povoado “sem exagero”. (BENCHIMOL, 2008, p. 743).

Assim, na compreensão médica, o progresso para a nação atrelava-se diretamente ao combate da malária, desenvolvendo no contexto do debate nacional uma notável ênfase no estudo de tal doença, o que pode ser percebido no cenário das expedições médicas que tinham como objetivo os sertões brasileiros (LIMA; BOTELHO, 2013). O contato de Gastão Cruls com a medicina-higienista, além de seu período de

⁷ Malária ou Impaludismo é uma doença infecciosa, não contagiosa e de evolução crônica, com manifestações episódicas de caráter agudo. Provavelmente é a doença parasitária mais antiga, conhecida na Antiguidade como febre intermitente. Referência retirada do site http://www.cpqrr.fiocruz.br/informacao_em_saude/CICT/malaria/malaria.htm. Acesso em: 18 fev. 2018.

formação e leituras das publicações do Boletim do Museu Nacional, se fortaleceu no período em que participou da Comissão de Saneamento Rural enviada à Paraíba do Norte até anos depois, quando integrou o Ministério da Educação e Saúde como médico sanitário.

Percebe-se, portanto, que a expedição da qual Cruls participou se consubstanciava até o momento em um aglomerado de desafios: uma floresta densa, preenchida por animais selvagens, doenças preocupantes e lugares desconhecidos poderia compor o imaginário do autor. Cruls, no entanto, em diversas passagens de seu diário de campo trocou os relatos de desconforto em meio à imensidão desconhecida pela ansiedade causada pela ausência do fumo. Por mais que a fumaça produzida por esse hábito contribuisse para afastar o mosquito, ela não sincronizava com alguns cuidados com a Malária, como o véu que cobria as redes e as barracas:

Julguei que o véu fosse bastante incômodo, sobretudo para um grande fumante, mas acabo de verificar que através do mesmo consigo puxar boas baforadas da piteira... com o que reforço a profilaxia do impaludismo. (CRULS, 1973, p. 18).

Por certo, outras expedições anteriores experimentaram diretamente o desconforto de certos hábitos e, precedendo a Cruls, foram vários os aventureiros que adentraram o espaço percorrido durante a inspeção de fronteiras enviada ao estado do Pará. Alguns, inclusive, foram destacados pelo autor que fez questão de ressaltar a trilha seguida por aqueles que inauguravam, por motivos diferentes, o interesse pelo desconhecido território brasileiro:

Oriximiná, a antiga Uruá-Tapera, tem para nós grande interesse. É que nessa pequena vila, situada à margem esquerda do rio, está sepultado o Padre José Nicolino Pereira de Sousa, também seu fundador, em 1877, e a quem muito nos teremos que referir, pois a ele se deve a primeira grande exploração à região que vamos percorrer. (CRULS, 1973, p. 5).

É atribuído ao Padre Nicolino o fato de ser um dos primeiros exploradores a atingir a região, com a possível intenção de praticar a catequese aos indígenas e, também, “[...] outros esforços de catequese dos índios e negros dos quilombos do Trombetas foram realizados pelo padre Nicolino de Souza, na segunda metade do século XIX” (COUTO HENRIQUE, 2016, p. 10 tradução nossa).⁸ Cruls destacou o Padre Nicolino como fundador da cidade Oriximiná, porém, neste caso, as narrativas criadas construíram diversas versões da origem, feitos e causas da morte do Padre Nicolino:

Há quem diga que morreu asfixiado ao entrar em uma igreja de ouro que guardava riquezas escondidas pelos jesuítas. Para alguns, foi o fundador do povoado que deu origem ao atual município de Oriximiná. Para outros o povoado existia antes de sua chegada. A ideia de que José Nicolino, com uma machete na mão, desbravou as terras “virgens” que hoje constituem a cidade

⁸ “otros esfuerzos de catequesis de los indios y negros del Trombetas fueron realizados por el padre Nicolino de Souza, en la segunda mitad del siglo XIX.” (COUTO HENRIQUE, 2016, p. 10).

de Oriximiná, constitui o mito da origem do lugar. (COUTO HENRIQUE, 2016, p. 11, tradução nossa).⁹

Aparte das narrativas construídas sobre o Padre Nicolino, podemos afirmar que as anotações do sacerdote registradas em forma de diário de campo, com a descrição diária de suas três viagens subindo o rio Cuminá, serviram, e muito, às leituras do General Rondon sobre a região, sendo utilizadas no decorrer de boa parte da viagem como roteiro. Cruls, durante a estada na cidade de Belém, conseguiu através do contato com o Dr. Carlos Estêvão uma cópia do diário e um artigo, o qual possibilitou obter informações acerca do padre. Gastão Cruls registrou em seu diário que o Padre Nicolino tinha, pelo lado da mãe, descendência indígena, desejou seguir a carreira eclesiástica, estudou em Óbidos, foi para a França onde leu um trabalho de um missionário que cruzou grande parte da América do Sul e fazia alusão à cordilheira Tumucumaque, surgindo à primeira ideia de suas viagens (CRULS, 1973). O padre realizou três viagens em 1876, 1877 e 1882, sendo considerado o primeiro viajante da região.

Posteriormente, em 1893, o engenheiro Gonçalves Tocantins realizou uma expedição acompanhado de ex-mocambeiros habitantes da região. Instruído pelo Governo Estadual do Pará, atingiu o morro que recebeu seu nome, o “morro Tocantins”. Além de chamar atenção dos poderes públicos com a intenção de demonstrar o valor dos Campos Gerais do Cuminá e a necessidade de uma estrada de acesso, Tocantins realizou o registro de um estudo cartográfico, disponível hoje na área de Mapoteca no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (CRULS, 1973; SANCHEZ, 1998).¹⁰

Logo após, em 1894, houve a expedição dirigida por Lourenço Valente do Couto, também por iniciativas do governo estadual do Pará. Essa expedição avançou quatro dias após cruzar o Morro Tocantins, porém, com o objetivo de retornar à Óbidos através da floresta, o trajeto foi, nas palavras de Cruls, “[...] uma tormentosa e acidentada travessia em que por quase cinco meses, Valente do Couto e seus companheiros, baldos de recursos, se viram perdidos em plena selva [...]” (CRULS, 1973, p. 38).

Henri Coudreau, intelectual e explorador francês, firmou no final do século XIX um acordo com o governo paraense com o objetivo de estudar os principais rios e afluentes da região. No período, realizou na companhia de sua esposa, Octavie Coudreau,¹¹ uma expedição ao alto Trombetas que resultaria na publicação póstuma de *Voyage au Trombetas*, em 1899, ano em que a expedição foi interrompida devido a morte de Henri quando retornavam a cidade de Oriximiná (SOUZA FILHO, 2008).

Octavie sucedeu o marido e assumiu a expedição que, em 1900, subiu o rio Cuminá “[...] até distância nunca atingida por ninguém” (CRULS, 1973, p. 38). A partir dessa viagem surgiu a obra *Voyage au Cuminá* publicada em 1900, contendo o relato

⁹ Hay quien dice que murió asfixiado al entrar en una iglesia de oro que guardaba riquezas escondidas por los jesuitas. Para unos, fue el fundador del poblado que dio origen al actual municipio de Oriximiná. Para otros, el poblado existía antes de su llegada. La idea de que José Nicolino, con machete en la mano, desbravó las tierras «vírgenes» que hoy constituyen la ciudad de Oriximiná, constituye el mito de origen del lugar. (COUTO HENRIQUE, 2016, p. 11).

¹⁰ A ficha catalográfica traz a seguinte nota: “Mostra o curso do rio Cumina de Cuminapanema no oeste do Pará, desde sua nascente até sua foz no rio Trombetas. -- Estão assinalados afluentes, ilhas, cachoeiras, serras e vegetação ribeirinha.” Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/mapoteca/item/106541-rio-cumina-levantado-pelo-dr-gon%C3%A7alves-tocantins-em-1890.html>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

¹¹ Em algumas leituras o nome traduzido “Otilia” substitui “Octavie”.

dos dias da exploradora em meio às florestas tropicais. Somente em 1925 a região novamente foi adentrada por Picanço Dinis e Avelino de Oliveira. Com o objetivo de realizar estudos de geologia, Dinis inclusive auxiliou pessoalmente com informações e com a indicação de Martinha que atuou como gíria¹² em sua expedição, pois havia convivido com os silvícolas. Recusou o trabalho, porém auxiliou na construção de um vocabulário que seria utilizado pelo General Rondon tempos depois para a expedição de 1928.

Cruls, como se pode perceber em muitos dos seus relatos, conhecia as expedições que o precederam. A pesquisa que antecedia a viagem fazia parte da preparação, com o objetivo de buscar informações que auxiliassem na campanha. Dessa forma, era comum a leitura de diários legados pelos aventureiros que desde o século XIX exploravam a região. Compreendendo essas influências, podemos identificar o pensamento etnológico, a prática e a produção de uma etnografia indígena e, de certa forma, sertaneja que emergiu nos relatos feitos por Cruls sobre a expedição de 1928-29. Podemos, assim, inferir a intenção de Cruls em acompanhar uma viagem em meio à selva amazônica, registrar um diário de campo das experiências vividas nos quase cinco meses de expedição e, por fim, em 1930 publicar a obra *A Amazônia que eu vi: Óbidos – Tumucumaque*. Utilizamos para a análise a quinta edição dessa obra, publicada em 1973.

A Produção Etnográfica acerca dos Pianocotós

Em 1928, quando foi realizada a expedição, os Pianocotós (Tiriyó) já não constavam nas notas do General Rondon como uma tribo isolada, mas já eram conhecidos e se antevia a grande probabilidade de encontrá-los durante a jornada. Desde as viagens de Padre Nicolino, Madame Coudreau e Dinis, era retratada a presença indígena na região e, O. Coudreau, a partir de sua experiência, “[...] conta que durante o contato que tivera com os Pianokoto, estes, preocupados com a intenção do seu grupo, escondeu suas mulheres para que essas não fossem roubadas” (SOUZA FILHO, 2008, p. 65). É interessante destacar a concepção da exploradora acerca do processo civilizatório no que diz respeito aos povos indígenas. Para Coudreau, esse processo seria prejudicial e poderia conseqüentemente obliterar esses grupos que há tempos viviam a inocência, isolados em meio à imensidão de florestas e rios.

Resulta desses encontros um debate importante do qual emergem duas concepções diferentes sobre como proceder em relação a essas comunidades: o “deixar” e o “integrar”. Cruls e O. Coudreau corroboram diretamente com o pensamento de Rondon que, ao contribuir com a criação do Serviço de Proteção ao Índio, buscou-se, através da integração, proteger e garantir os direitos dos povos indígenas no processo de “transição” do índio ao brasileiro. O. Coudreau expressa parte importante de seu pensamento na passagem: “Por conseguinte, vi os índios *Piánocotós*, mas à que isso pode servir agora que sabemos que eles estão instalados no alto Cuminá, não se procura utiliza-los ou se os utiliza mal? (COUDREAU, 1900 apud SOUZA FILHO, 2008). Interpretação similar pode ser encontrada nos registros legados por Cruls:

Deste e de outros conceitos que para aqui seria difícil trasladar, vem-nos o justificado pesar de que toda essa gente não houvesse sido melhor aproveitada na formação da nossa nacionalidade. Infelizmente, não pensavam assim os

¹² *Gíria* - Intérprete. Indivíduo que conhece dialetos indígenas. Nota de Elucidário (CRULS, 1973, p. 166).

colonizadores, afervorados no extermínio do nativo, que lhes era entrave à posse rápida e total da terra. Agiam deste modo para depois recorrer ao tráfico dos negros... (CRULS, 1973, p. 88).

Nessa contenda, Cruls expressou grande admiração por Rondon. Dizia ele: “[...] não tenho aplausos bastantes para o gesto do General, a zelar continuamente pelos poucos silvícolas que nos restam e esforçando-se junto de cada governo estadual, para que aos mesmos seja garantida a posse das terras em que vivem.” (CRULS, 1973, p. 88).

Com menos de um mês, a expedição adentrou território inóspito, transpassando as florestas de castanheiras. Nessa região não se encontravam mais atividades do sertanejo que resistia empenhado à exploração da castanha. O espaço no qual a expedição se encontrava era habitado pelos indígenas que há tempos eram os únicos que utilizavam e transitavam pela região, com exceção das poucas expedições que por ali se aventuraram. Em relação aos Pianocotós, a denominação, de acordo com o estudo etimológico de Cruls, parecia significar *Senhor do Gavião* ou *Povo do Gavião* (CRULS, 1973, p. 91). E de acordo com a opinião encontrada nos estudos de Karl von den Steinen,¹⁵ citados por Cruls, sobre os Caraíba, o mesmo povo indígena teria entrado em contato com Colombo em 1493 e, acredita-se, teria povoado a Guiana, permitindo afirmar que, no passado, não eram insulares. Von den Steinen defende que tais comunidades tiveram berço na região que denominou de “Mesopotâmia” entre o rio Madeira e o rio Xingu e só posteriormente migraram para o norte, quando se estabeleceram na região das Guianas e até mesmo aventuraram-se pelo mar (CRULS, 1973).

Durante o mês de outubro de 1928, os vestígios das atividades indígenas na região ficaram mais evidentes. Durante passagem pelos paredões de granito que costeiam o Cuminá, Cruls identificou inscrições rupestres que já haviam sido citadas por O. Coudreau em sua passagem pela região, no ano de 1900. A interpretação de uma semelhança com os símbolos encontrados por Cruls se realizou através da leitura do livro de Everard Im Thurn, *Among the Indians of Guyana*. O estudo sobre os indígenas possibilitou Cruls identificar que esses símbolos são similares aos encontrados nas Guianas, nos quais a única diferença está somente no tamanho. Nos paredões, imitando as marcações deixadas pelos indígenas, encontravam-se também registrado “*Venit 1887*”, por Padre Nicolino, e “*DINIS – AVELINO 1925*”, pela expedição de Picanço Dinis. (CRULS, 1973).

No mês de novembro, tomando certo cuidado para não “assustar” os locais e atrasar um primeiro contato, afinal a marcha era composta por 58 homens, a expedição entrou em zona dos Pianocotós. Especificamente, no dia 8 de novembro, em uma das margens do Rio Cúmina o proeiro gritou “Os índios”, momento em que se avistou uma pequena embarcação encostada na costa do rio e vultos correndo: “Sem dúvida, eles já nos tinham visto e fugiam apressadamente para o mato.” (CRULS, 1973, p. 81). Em seguida, a expedição avançou lentamente aos gritos do General Rondon: “Moró! Moró!”, que significa “amigo”, no dialeto Pianocotó, qual o General utilizou conforme as informações passadas por Martinha.

Maravilha, integrante do grupo de Inspeção de Fronteiras e ex-integrante da Expedição Dinis Avelino, que no ano de 1925 entrou em contato com os mesmos

¹⁵ Karl von den Steinen (1895-1929) foi um médico, explorador e intelectual que desenvolveu diversos estudos acerca dos povos indígenas da América.

indígenas, garantiu que eles se encontravam estabelecidos alguns quilômetros mais a frente. Quando a expedição desceu na praia, encontrou o acampamento provisório dos índios da mesma forma que deixaram, “[...] ainda de foguinho aceso, xerimbabos amarrado às árvores, petrechos de caça e pesca, ubás encalhadas na areia...”¹⁴ (CRULS, 1973, p. 81). Cruls analisou as três tapiris,¹⁵ coberturas que provisoriamente serviram de abrigos, descrevendo-os: “[...] construídos na praia, são acanhados e modestíssimos. Pequenos palhais, feitos de poucas estacas, e com cobertura de folhas de bacaba, neles haverá, quando muito espaço para duas redes, corrida lado a lado.”¹⁶ (CRULS, 1973, p. 82).

A observação dos objetos, além da numerosa quantidade de animais domesticados pelos índios e ornamentos produzidos, revelou o contato com o civilizado, afinal, entre os diversos objetos se encontravam panelas de ferro, entre outros utensílios, que resultaram de outros contatos. A partir desse momento, os vestígios ficaram mais aparentes: locais de pesca, clareiras nas margens do rio, embarcações abandonadas, tudo contribuía para a ansiedade de Cruls por esse “encontro de culturas”, definida por ele como “angustiosa espera”. Por fim, na terceira tentativa, quebrou-se o silêncio e, justo a canoa que estava Cruls, foi requisitada pelo General Rondon para se aproximar, pois nela, além do médico, se encontrava uma caixa com machados. Essa estratégia, herdada do período colonial, constituía de oferecer diversos itens na intenção de aproximação dos silvícolas “[...] foi assim que, pela primeira vez, vi alguns dos nossos aborígenes, vivendo ainda da maneira a mais primitiva, quase como os devem ter encontrado, quatro séculos atrás, os primeiros navegadores.” (CRULS, 1973, p. 85).

Para compreender melhor a interpretação de Cruls, partindo de seu relato, é necessário localizá-lo em seu contexto de debate antropológico. Os debates, acerca do desenvolvimento histórico da civilização durante grande parte do século XIX, seguiram majoritariamente uma vertente evolucionista, pensamento difundido por intelectuais como Spencer, Morgan e Tylor.¹⁷ A determinação estruturou-se a partir da ideia de uma linha evolutiva geral entre todos os povos. Somente a partir das leituras dos estudos de Friedrich Raitzel¹⁸ que a difusão passa à centralidade de uma nova teoria, em reação a corrente evolucionista. O difusionismo implica na compreensão de que existem traços de desenvolvimento paralelo encontrados em diferentes regiões, partem de um núcleo de investigação e foram levados pelo homem nas migrações de um continente para outro (BOAS, 2004). Von den Steinen, citado anteriormente, utilizou dessas bases como método etnológico para seus estudos. Por fim, o Relativismo Cultural propagado por Franz Boas¹⁹ estabeleceu, nas primeiras décadas do século XX, uma nova perspectiva de análise sobre os estudos acerca do desenvolvimento cultural, influenciando diretamente no interesse pela cultura e seus funcionamentos (QUEIROZ, 1986).

¹⁴ *Xerimbabos* – Animal doméstico. Animal criado em casa. Nota de Elucidário (CRULS, 1973, p. 173); *Ubás* – Canoa feita com a casca inteiriça de uma árvore. Nota de Elucidário (CRULS, 1973, p. 173).

¹⁵ *Tapiri* – Choça dos índios. Pequena cobertura de palha sobre travessas escoradas por quatro paus – Nota de Elucidário (CRULS, 1973, p. 172).

¹⁶ *Bacaba* – *Oenocarpus distichus* e *Oenocarpus bacaba*. Palmeira nativa da Amazônia que produz frutos comestíveis semelhantes ao açaí. Nota de Elucidário (CRULS, 1973, p. 164).

¹⁷ Herbert Spencer (1820-1903), Lewis Henry Morgan (1818-1881) e Edward Burnett Tylor (1832-1917) antropólogos e defensores da corrente evolucionista.

¹⁸ Friedrich Raitzel (1833-1904) foi um geólogo e etnólogo alemão, responsável por estudos de difusão e migração.

¹⁹ Franz Boas (1858-1942) foi um antropólogo teuto-americano, responsável pela difusão da antropologia moderno e a teoria do relativismo cultural.

Hermann Von Ihering, em 1911, na época diretor do Museu Paulista, publicou um artigo, na Revista do próprio museu, intitulado *A questão dos índios no Brasil*. Nele, trouxe a seguinte citação referenciando outra vertente determinista baseada no evolucionismo social:

Tratarei mais adiante dos índios bravios, e baste como conclusão que o programmado futuro chefe da Inspectoria de Protecção dos índios é absolutamente insufficiente e incompleto. E' digno de censuras quem, em momento tão inoportuno, faz praça de suas crenças religiosas positivistas, e intenta dispensar completamente a coadjuvação valiosa dos missionários. Não é de esperar, deante das experiencias até agora, que o processo de tratamento fraternal consiga solução satisfactoria. Os assaltos e massacres continuarão no sertão do Brazil Meridional, e, como até agora serão os sertanejos obrigados a tratar da propria defesa e do exterminio dos indigenas. Não podemos acreditar que esse programma positivista satisfaça ás exigências que uma população tem o direito de reclamar de auctoridades especiaes. Ficou já demonstrada a insufficiencia da antiga catechese official, e foram expostas em parte as causas do insuccesso. Começa-se agora de novo a catechese official, sem medidas garantidoras de melhores êxitos. A historia concentra a sabedoria dos seculos e a ella cabe orientar as gerações novas. (IHERING, 1911, p. 126).

Nesse mesmo ano, Ihering se envolveu em uma famigerada polêmica envolvendo o povo Kaingang. As declarações publicadas no jornal *O Estado de São Paulo*, vinham a público “pedir o extermínio desse grupo que, por habitar no caminho da estrada de ferro Noroeste do Brasil, impedia o ‘desenrolar do progresso e da civilização’” (SCHWARCZ, 1993, p.82). Desse ponto de vista, acreditava-se, na época, que manter essas sociedades seria em todo caso barrar o “avanço do progresso”.

Quando Cruls, através da análise etnográfica, remete a seu distanciamento sobre os Pianocotós, utilizando o termo “primitivo”, o faz a partir de um conjunto de saberes que constituíam o pensamento de um brasileiro culto do início do século XX. Nesse sentido, nota-se que a civilização moderna ocidental era tratada como o nível mais elevado de desenvolvimento cultural das sociedades. Os indícios nos permitem dizer que os textos etnográficos, cuja estrutura deveria ser baseada na descrição objetiva do que se observava em campo, eram atravessados por saberes de ordens diversas, cuja formulação servia como filtro interpretativo e qualitativo daquilo que se observava.

O relato etnográfico produzido por Cruls acerca dos indivíduos, três homens e uma mulher, consta na seguinte descrição:

(...) a mulher era velha e algo adiposa. Afora o pequeno retalho de pano que lhes protegia o sexo, todos estavam inteiramente nus e, pintados de urucu, da cabeça aos pés, tinham extraordinária semelhança com figuras egípcias. Para isso contribuíam, além do colorido artificial, bem vermelho da pele, não só os traços fisionômicos, de olhos achinados e malares ligeiramente salientes, como também os cabelos pretos e luzidios, renteados em franja sobre o meio da testa e descendo até os ombros. Os homens, embora não muito altos, eram de bela compleição, com certo entono do porte e musculatura harmoniosamente desenvolvida. Dos três, um acusaria quarenta anos, no máximo, enquanto os outros eram bem mais jovens [...] (CRULS, 1973, p. 86).

Além da descrição física dos indígenas, relatou também os trajes, ornamentos, as habitações – “[...] a maloca era constituída por uma casa-grande, arredondada, toda coberta de palha, e por dois outros ranchos ou tapiris, de proporções avantajadas” (CRULS, 1973, p. 86-87) –, plantações de mandioca, mamão, banana, cana e outros produtos que além da pesca e caça, que era realizada na companhia de cães, “os Pianocotos se dedicam com especial cuidado à criação de cães de caça” (CRULS, 1973, p. 145). Assim, a base da alimentação dessa sociedade era constituída por esses componentes, roças de algodão arbóreo, cajueiros e ananases. As pinturas corporais de urucu, que de acordo com estudos citados por Cruls, protegem contra o sol e evitavam a varíola, visto que os grupos não apresentavam sintomas de combate à doença, como cicatrizes. Cruls, por fim, lamentou a falta de um intérprete, o que levou a um contato limitado, baseado somente no esforço da mímica.

Acreditava-se, já na época, que os Pianocotós formavam parte da grande nação Tiriô (Tiriyó), que habitavam a extensa faixa da cordilheira Tumucumaque, estendendo suas atividades além das guianas para o território nacional. Cruls revela que no mapa holandês de 1913 “[...] há o assinalamento de mais as seguintes aldeias, todas sem dúvida pertencentes à mesma nação Tiriô: *Alamoiqui, Papai, Anapi, Soeli, Pacomale e Siquima*” (CRULS, 1973, p. 134). Darcy Ribeiro, em 1957, através do artigo “Culturas e Línguas Indígenas do Brasil” realizou o levantamento do número de Tiriôs que habitavam a Cordilheira Tumucumaque, determinando que ali viviam entre 2 e 3 mil indivíduos da imensa nação que ocupou grande território (MELATTI, 2004).

É preciso não esquecer, porém, que a maioria dos silvícolas que ainda vivem em terras brasileiras, e a respeito dos quais temos de vez em quando notícias e reproduções fotográficas, nada mais são do que um mísero rebotalho humano, de quase impossível confronto com a raça sadia e forte que lhes foi origem. (CRULS, 1973, p. 87).

Como já dito, as expedições de reconhecimento constituíam nesse período uma ferramenta necessária às preocupações nacionais, caracterizada pelo interesse de explorar regiões que até então eram desconhecidas. O inexplorado território brasileiro estabelecia um imenso campo científico que, durante grande parte do século XIX, limitou-se às investidas de intelectuais estrangeiros (KURY, 2001). Nesse contexto, as expedições não só projetavam o interesse da nação em reconhecer e delimitar as fronteiras, como despertavam a atenção da intelectualidade nacional em compreender, estudar e registrar traços da fauna e flora, assim como os povos indígenas do interior do Brasil.

O desempenhar de uma excursão na vida de Cruls lhe colocou a frente de uma experiência radical em contato com o espaço que, minuciosamente descrita, serviu segundo Cruls para compreender o “Brasil Real”. Destaque-se que seu interesse por tal espaço desconhecido o acompanhava desde a composição de suas obras literárias. Quando questionado por próximos sobre a viagem, o próprio autor declarou “Éra-me difícil responder, mesmo por que muita gente ignora a existência de certas criaturas que já nasceram roídas pelo tédio e em cuja alma se pode ler o *Quosque eadem?* de Sêneca” (CRULS, 1973, p. 144).

Gastão Cruls, não só produziu um relato dos povos que ocupavam o sertão brasileiro, como também realizou registros de costumes, fotografias, nomes regionais de plantas e animais, dados geográficos, além de lendas e mitos que envolviam a construção do saber local, sem perder a dedicação à ciência. Dessa forma, as contribuições de sua etnografia não só produzem um discurso acerca dos Pianocotós, mas também corrobora diretamente a visão do sertanejo como agente do progresso e como estes contribuíram na inserção dos ideais da nação, explorando o interior do Brasil desconhecido, desbravando difíceis terrenos e cruzando rios: “Vê-se, mais uma vez, que se a terra é áspera, - o homem é teimoso e forte” (ROQUETTE-PINTO, 1973, p. XXXVI). Por fim, a intencionalidade de Cruls se atrelou a própria concepção de ciência da época, contextualizando suas influências e interesses em construir uma obra que expressasse sua intensa experiência com a população e o espaço em que percorreu, retratando seu contato direto, expressado pelo autor no título da obra *A Amazônia que eu vi*.

Referências

BENCHIMOL, Jaime Larry; SILVA, André Felipe Cândido da. Ferrovias, doenças e medicina tropical no Brasil da Primeira República. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 719-762, Set. 2008.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Zahar. 2004.

CRULS, Gastão. *A Amazônia misteriosa* 9ª. Edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1973.

_____. *A Amazônia que eu vi: Óbidos-Tumucumaque*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. 1973.

COUTINHO, Edilberto. *Rondon, o civilizador da última fronteira*. Rio de Janeiro: Olivé Editor, 1969.

COUTO HENRIQUE, Márcio. ALONSO, José Luis Ruiz-Peinado. *El padre que nació indio y murió entre los negros: mito e historia*, Caravelle [En ligne], 107 | 2016, mis en ligne le 31 décembre.2016.

DA CUNHA, Euclides. *À Margem da História: Texto de Euclides da Cunha*. Disponível em <http://www.euclidesdacunha.org.br/abl_minisites/media/AMARGEMDAHISTORIA.pdf. 2015>. Ronaldo Alexandre, 2015. Acesso: 23 fev. 2018.

FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. *Rondon: A construção do Brasil e a causa indígena*. Brasília: Abravideo, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo: Editora UNESP. 2009.

HOCHMAN, Gilberto; MELLO, Maria Teresa Bandeira de; SANTOS, Paulo Roberto Elian dos. *A malária em foto: imagens de campanhas e ações no Brasil da primeira metade do século XX*. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, supl. p. 233-273, 2002.

IHERING, Hermann von. A questão dos índios no Brazil. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Typographia do Diario Official, vol. VIII, p. 112-140. 1911.

KRETTLLI, Antonina Ursine. *Malária*. FIOCRUZ/CICT, 2001. Disponível: <<http://www>.

cpqrr.fiocruz.br/informacao_em_saude/CICT/malaria/malaria.htm>. Acesso: 21 fev. 2018.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 8, supl. p. 863-880, 2001.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

LIMA, Susane Patricia Melo de; COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues. *Geografia e Representação na Amazônia Misteriosa de Gastão Cruls*: Da Monocromia à Monotonia, do Fantástico ao Misterioso. Curitiba, Departamento de Geografia – UFPR. 2011. p. 221-237.

LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 5, supl. p. 163-193, jul. 1998.

LIMA, Nísia Trindade; BOTELHO, André. Malária como doença e perspectiva cultural nas viagens de Carlos Chagas e Mário de Andrade à Amazônia. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 3, p. 745-763, set. 2013.

MELATTI, Julio Cezar. *População indígena*. Departamento de Antropologia, Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

NOMURA, Hitoshi. Centenário da fundação da Comissão Rondon (1907-2007) - Personagens, descobertas e produção bibliográfica. *Cad. hist. ciênc.*, São Paulo, v. 6, n. 1, jul. 2010.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. *Hist., cienc., saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, supl. p. 195-215, jul.1998.

QUEIROZ, Marcos de Souza; CANESQUI, Ana Maria. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. *Rev. Saúde Pública*. São Paulo, v. 20, n.2, p. 152-164, Apr. 1986.

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Prefácio. In: CRULS, Gastão. *A Amazônia que eu vi*: Óbidos-Tumucumaque. 5ª. Edição. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora; Brasília. 1973 [1ª edição, 1930], pp. xxxiv-xxxvi.

SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *Revista Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, n.15, n.3, p. 779- 810. 2008.

SANCHEZ, Fábio José Bechara. A Ocupação Do Interflúvio Erepecurú/Curuá(Pará) In: *XXII Encontro Anual da ANPOCS – Caxambú*, 27 a 31 de outubro de 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SKINNER, Quentin. *As Fundações do Pensamento Político Moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. *Em busca do Brasil: Edgard Roquette Pinto e o retrato antropológico brasileiro (1905-1935)*. Rio de Janeiro: FGV Editora e Editora Fiocruz, 2017.

SOUZA FILHO, Durval de. *Os retratos dos Coudreau: índios, civilização e miscigenação através das lentes de um casal de visionários que percorreu a Amazônia em busca*

do “*bom selvagem*” (1884-1899). 2008. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

TOCANTINS, Gonçalves. *Cuminapanema, Rio (PA) – Mapas*. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/pesquisa/mapoteca/item/106541-rio-cumina-levantado-pelo-dr-goncalves-tocantins-em-1890.html>>. Acesso em: 21 fev. 2018.

TUPIASSU, Amarilis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. *Estud. av.*, São Paulo , v. 19, n. 53, p. 299-320, Abril. 2005.